


Perfil de alunos do ensino fundamental I com dificuldades de aprendizagem na rede pública municipal

Camila Camargo Diniz Fonteⁱ 

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil

Andréia Ostiⁱⁱ 

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados referentes aos dados das dificuldades de aprendizagem dos alunos do final de ciclo (3^o e 5^o ano), de uma escola na região periférica do Município de Rio Claro-SP. Objetivou-se identificar junto a uma comunidade escolar específica o perfil dos alunos apontados por seus professores como sendo crianças com dificuldades de aprendizagem, descrever quais são as características desses alunos e compreender quais os recursos e procedimentos adotados para o atendimento dos mesmos. Metodologicamente foi aplicado um questionário em que os professores responderam a respeito das dificuldades de seus alunos apontando suas características cognitivas, familiares e emocionais. A escola tem 275 alunos matriculados nas salas pesquisadas e o número representado por alunos com dificuldades de aprendizagem chega a 81 alunos, o que representa aproximadamente 30%. A pesquisa possibilitou um melhor entendimento sobre a temática das dificuldades de aprendizagem no contexto desta unidade escolar.

Palavras-chave

Dificuldade de aprendizagem. Didática. Educação Básica. Ensino.

Profile of elementary school students with learning difficulties in the municipal public network

Abstract

This article presents the results referring to the data on the learning difficulties of students at the end of the cycle (3rd and 5th year), of a school in the peripheral region of the Municipality of Rio Claro-SP. The objective was to identify with a specific school community the profile of students appointed by their teachers as children with learning difficulties, describe what are the characteristics of these students and understand what resources and procedures adopted to meet them. Methodologically, a questionnaire was applied in which the teachers answered a questionnaire about the difficulties of their students, pointing out their cognitive, family and emotional characteristics. The school has 275 students enrolled in the researched rooms and the number represented by students with learning difficulties reaches 81 students, which represents approximately 30%. The research enabled a better understanding of the theme of learning difficulties in the context of this school unit.

Keywords

Learning difficulties. Didactics. Basic education. Teaching.



1 Introdução

A questão das Dificuldades de Aprendizagem configura tema relevante para a pesquisa no Brasil porque segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a população não alcançou o número do alfabetismo de 6,5% no ano de 2015, ressaltando ainda que 11,5 milhões de brasileiros ainda não sabem ler e nem escrever. Nesse contexto, as dificuldades de aprendizagem configuram uma realidade presente no âmbito escolar, devido aos índices oficiais que revelam o número, então cabe a sociedade e principalmente a escola pensar em alternativas para modificar essa realidade.

De acordo com Fonseca (1995) o surgimento das dificuldades de aprendizagem está relacionado com o desenvolvimento da sociedade, pois o acesso à educação formal gerou novas necessidades educacionais. O autor define as dificuldades de aprendizagem como “um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemática” (p. 71), o que pode, portanto, ocorrer durante toda a vida. Osti (2012), ao analisar os estudos de Kirk et al. (1983), sobre dificuldade de aprendizagem, esclarece que esses mostravam a necessidade de serviços educacionais, pois eram mais voltados a área médica, e então ocorreu a mudança para o enfoque educacional e institucional. Nesse enfoque modificado, o termo dificuldade de aprendizagem apresenta facetas e definições ambíguas uma vez que, alguns autores defendem a terminologia voltada para área da saúde, enquanto outros priorizam seu olhar para a educação, outros ainda para a área da psicologia.

Dorneles et al. (2014) com base nos estudos de Sena (2014), sobre o Manual de Diagnóstico e Estáticos de Transtornos Mentais, assim como, Alves e Nakano (2015), considera a definição dos termos transtornos de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem distinta pois entendem que os transtornos de aprendizagem são decorrentes de disfunções do sistema nervoso central e relacionados a uma “falha” no processo de aquisição e processamento da informação, diferente das “dificuldades de aprendizagem”, pois essas última decorre de questões relacionadas a problemas de ordem pedagógica, emocional ou



sociocultural ou a quadros neurológicos. Os estudos de Collares e Moysés (1994), iniciados nos anos 80 e ainda hoje, mostram que outras propostas de análise sobre o tema têm sido apresentadas em diversas áreas, tal como a da pedagogia, linguística e psicologia. Elas têm-se referido tanto aos processos de aprendizagem quanto, e principalmente, aos métodos ou abordagens de ensino.

Sendo assim, esta pesquisa objetivou conhecer o contexto das Dificuldades de aprendizagem de alunos do 3º e 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Periférica do Município de Rio Claro, estado de São Paulo, assim como identificar o número de alunos com dificuldades de aprendizagem, descrever quais são as características desses alunos com Dificuldades de aprendizagem (D.A) e compreender quais os recursos e procedimentos são adotados para o atendimento desses alunos.

2 Dificuldades de aprendizagem

Sobre a abordagem das dificuldades de aprendizagem, Alves e Nakano (2015) afirma com base nos manuais American Psychological Association – APA (2002) e Organização Mundial da Saúde - OMS (2008), que as dificuldades de aprendizagem podem surgir desde as primeiras etapas do desenvolvimento sendo observado por meio do desempenho abaixo do esperado para idade em testes padronizados de leitura, matemática ou expressão escrita, não se devem a fatores de oportunidade de aprendizagem, escolarização, deficiência intelectual ou déficits sensoriais.

Sargiani e Maluf (2015) aponta que no Brasil, há pouca ênfase ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita na Educação Infantil, pois há evidências sobre o desenvolvimento espontâneo das crianças por meio de jogos e brincadeiras com a recusa de atividades mais estruturadas e diretivas. O autor reitera que aprender a ler e escrever não são uma consequência natural do desenvolvimento da linguagem oral. Para se alfabetizar a criança precisa aprender sobre como as letras representam sistematicamente os sons da fala introduzindo práticas de ensino que sejam facilitadoras da alfabetização. E crianças de 4 e 5 anos, já têm condições de aprender, nomes, formas e sons das letras, o que será primordial para a alfabetização. Sendo assim, as evidências da neurociência e da Psicologia Cognitiva

mostram que as crianças não são limitadas por sua idade, os marcos cronológicos são apenas referências gerais, pois a base do desenvolvimento é determinada nas e pelas condições concretas e reais da vida das crianças

Em relação a leitura, Monteiro e Soares (2014) verificaram as estratégias de reconhecimento de palavras escritas por crianças com dificuldades no processo de alfabetização. As autoras afirmam que as dificuldades dos alunos estão relacionadas a estratégias de leitura das palavras que evidenciam, de um lado uma dissociação entre o conhecimento de letras e desenvolvimento da consciência fonológica, e de outro lado, uma dificuldade de decodificação de estruturas silábicas não canônicas, assim, ela conclui a necessidade ao ensino explícito e sistemático das correspondências e das estruturas silábicas nas atividades de alfabetização que exploram a palavra e a sílaba como unidades de análise das crianças.

Na perspectiva dos professores sobre a temática, Caroni (2015), analisou a trajetória escolar de alunos considerados com dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita. Os professores, segundo autora, remetem-se a causa das dificuldades de aprendizagem dos alunos a fatores como: imaturidade falta de autonomia, insegurança, medo de errar, dificuldade de assimilação e concentração, dificuldade de memorização, dificuldade nas questões ortográficas, necessidade de ajuda do professor, não cumprimento da tarefa no tempo proposto, o autor critica a forma de registro dos professores nas fichas individuais dos alunos, por considerar que os mesmos são registros que não condizem ao que é dito nas entrevistas, atribuindo ao aluno como o único responsável pelo processo de aprendizagem, expondo uma compreensão generalista dos conceitos teóricos a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem.

Frederico Neto et al. (2015), aponta em sua pesquisa, outra vertente sobre o que os professores dizem sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos, sendo eles relativos a falta de interesse dos pais e pouca instrução dos mesmos. De acordo com o autor, a dificuldade dos professores em relação a esses alunos com dificuldades de aprendizagem é relativa a dificuldade em dar atenção individualizada para os alunos durante as aulas, considerando que as dificuldades mais evidenciadas pelos alunos, são as dificuldades de escrita, falta de atenção, problemas de comportamento e dificuldade de leitura.



Para Lopes et al. (2013), as dificuldades de aprendizagem são classificadas para a maioria dos professores como a causa principal do desinteresse e a falta de esforço do aluno. Também afirma que os alunos pertencentes a lares desestruturados, com pais que não acompanham os estudos dos filhos, assim como a falta de interesse do aluno em aprender. Todos esses fatores são intrínsecos dos alunos e os professores acreditam que sua conduta não interferirá para que o aluno progrida, mesmo oferecendo atividades desafiadoras. Desta forma, a pesquisa indica que os professores pouco sabem a respeito das dificuldades de aprendizagem, além de desconhecerem as condutas necessárias diante desses problemas.

Um estudo feito em Portugal apresenta outra perspectiva sobre as dificuldades de aprendizagem. Silva et al. (2015) analisou as características dos professores e o que fazem na sala de aula para o sucesso na aprendizagem dos alunos. Na percepção dos professores as dificuldades de aprendizagem acabam gerando problemas de indisciplina, pois os alunos se sentem desmotivados em relação à aprendizagem, e acabam apresentando sintomas como desinteresse, baixo rendimento, desobediência e até mesmo mau comportamento. De acordo com a pesquisa, observa-se que estes dois fatores (dificuldades de aprendizagem e indisciplina) são confundidos, e assim, os alunos são tachados de preguiçosos, desinteressados ou “alunos-problemas”. A autora expõe que para o aluno ter sucesso no processo de ensino-aprendizagem, é preciso garantir oportunidades de aprendizagem, suporte individualizado. O professor por sua vez, segundo a autora, deverá estar motivado para a preparação de suas aulas, em buscar materiais diversificados e que despertem a curiosidade e interesse, ao levar o novo aos seus alunos e inserir aos conteúdos temas relacionados à realidade da sala de aula, considerando as diferentes classes sociais, bagagens culturais entre outros.

Ainda de acordo com Silva et al. (2015), a família tem um papel importante para a auxiliar no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, no entanto, é preciso a parceria dos professores, para que o aluno efetivamente consiga lidar com as dificuldades e conseguir ter êxito no processo de ensino de ensino e aprendizagem. Indicar ações que podem auxiliar e subsidiar outras investigações sobre o tema das dificuldades de aprendizagem, tais como: formação continuada



dos professores (e da equipe escolar), abordando questões práticas e situações vivenciadas no contexto atual, inserção de profissionais especializados nas escolas, atividades diferenciadas e novas estratégias de aprendizagem que motivem os alunos a trabalharem com autonomia e resgatem o gosto em aprender. Também sugere atividades voltadas para as necessidades específicas das crianças, o que inclui valorização das produções singulares dos alunos; criação de um espaço no qual os alunos possam debater, expressar o que sentem em relação as suas dificuldades.

3 Metodologia

Inicialmente foram agendados dias e horários com as professoras e coordenadora da escola. A coleta de dados foi feita na própria escola. A escola tinha aproximadamente 670 alunos, contabilizando o número de alunos dos anos pesquisados, as cinco salas de terceiro ano, totalizam 129 alunos e nas cinco salas de quinto ano, são 146 alunos. Do número de alunos de 3º e 5º ano, tínhamos ao todo 275 nessas séries dessa Unidade Escolar. Em relação a quantidade de alunos, nota-se que as salas de aula são compostas em torno de 22 a 30 alunos, sendo as mais numerosas as salas de quinto ano.

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa dez docentes do Ensino Fundamental I, todas maiores de idade, de uma escola periférica Municipal da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, que atuam nas séries de terceiro e quinto ano. Nos terceiros anos, participaram cinco professoras, duas do período da manhã e três no período vespertino, e nos quintos anos, temos cinco professoras, sendo duas docentes do período da manhã e três professoras no período vespertino.

3.2 Instrumentos

A pesquisa foi desenvolvida em forma de questionário, e o mesmo foi aplicado como piloto junto ao grupo de estudos de mestrandos e doutorandos do Grupo de Pesquisa em Representações, Aprendizagem, Leitura e Escrita (Geprale).

O instrumento foi reformulado, após a indicação dos juízes e finalizado com oito questões, subdivididas em três eixos, são elas: dados da sala de aula (questões 1,2 e 3), conceito dificuldades de aprendizagem (questões 4,5 e 6) e intervenções (questões 7 e 8). O questionário foi autoaplicado para os professores.

3.3 Procedimentos

Inicialmente a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos e após sua aprovação mediante o parecer 2.518.122, a pesquisadora solicitou a autorização da Secretaria Municipal da Educação, e gestão pedagógica da Unidade Escolar. Autorizada por essas instâncias foi feito o contato com os professores e todos se propuseram a participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. A pesquisadora explicou os objetivos da pesquisa e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, evidenciando os direitos do participante e as implicações em participar da pesquisa. Convém destacar que todos os professores se interessaram pelos objetivos da pesquisa, bem como consideraram relevante a discussão sobre as dificuldades de aprendizagem.

A coleta foi feita na própria escola, em horários definidos junto aos professores. A participação foi voluntária, e os professores não foram identificados em nenhum momento.

3.4 Análise dos dados

Após o primeiro contato e estudo do material, de acordo com Bardin (1979) tem-se a exploração do mesmo, que compreende dois momentos: a codificação e a categorização. Neste caso, optou-se por utilizar a unidade de registro tema, que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência ou aparição podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido. Após este processo é realizada a categorização, a organização de tais trechos segundo sua semelhança, dentro das categorias. Portanto, são classes que reúnem um grupo de elementos (no caso, trechos das respostas) sob um título genérico.

Assim, procedeu-se a criação de categorias a partir dos recortes dos temas, seguido pelo agrupamento dos trechos em comum. A terceira etapa da análise compreende o Tratamento dos Resultados e a Inferência/Interpretação. Esta etapa é subdividida em dois momentos: o processo de indução e a interpretação. A indução é um momento de estudo dos dados para que se consiga chegar a algumas conclusões a partir dos dados disponíveis que podem indicar tal conclusão.

A etapa final compreende a interpretação, isto é, pautadas em inferências, buscar o que se esconde por trás do significado das palavras. Neste sentido, tal processo será também realizado baseado no referencial teórico, de modo a aprofundar a compreensão do objeto de pesquisa. Tendo delineado o processo de análise dessa pesquisa.

4 Resultados e Discussão

De modo geral, ao questionar as professoras sobre se as mesmas têm em seu cotidiano alunos com dificuldades de aprendizagem, todas revelaram ter alunos com D.A em suas salas de aula. As salas de 3º ano, que tem ao todo 129 alunos, apresentam 48 alunos (37,2%) com dificuldades de aprendizagem. As salas dos 5º anos têm 146 alunos e desses, 33 alunos (22,6%) com dificuldades de aprendizagem. Considerando todas as séries investigadas há 81 alunos indicados como tendo Dificuldade de aprendizagem, o que corresponde a 29,45%. Observando cada sala separadamente constata-se que as do terceiro ano, são as que têm maior incidência de alunos com dificuldades na aprendizagem, isso pode se justificar em virtude das dificuldades estarem mais associadas com problemas na leitura e escrita e que esse conteúdo ainda é foco nas séries iniciais do ensino fundamental. Esses dados correspondem a pesquisa de Osti e Zacharias (2017), que segundo o IBGE, 7,7% da população com idades a partir de 10 anos, foram considerados analfabetos, salientando que essa é a idade que os alunos finalizam o ensino fundamental I. Isso mostra que existe uma relação entre o ensino fundamental e as dificuldades dos alunos, pois muitos não conseguem adquirir os conhecimentos necessários em leitura e escrita, para avançar ao ensino fundamental II.



Esse resultado é preocupante, uma vez que os estudantes ingressam no Ensino Fundamental II com dificuldades na leitura e escrita e que são interpretadas pelos professores como dificuldades de aprendizagem. Se considerarmos ainda a característica do ensino fundamental II em que os alunos têm vários professores e várias disciplinas específicas, a dificuldade pode vir a se agravar, caso o aluno não receba uma intervenção adequada para reverter tal quadro.

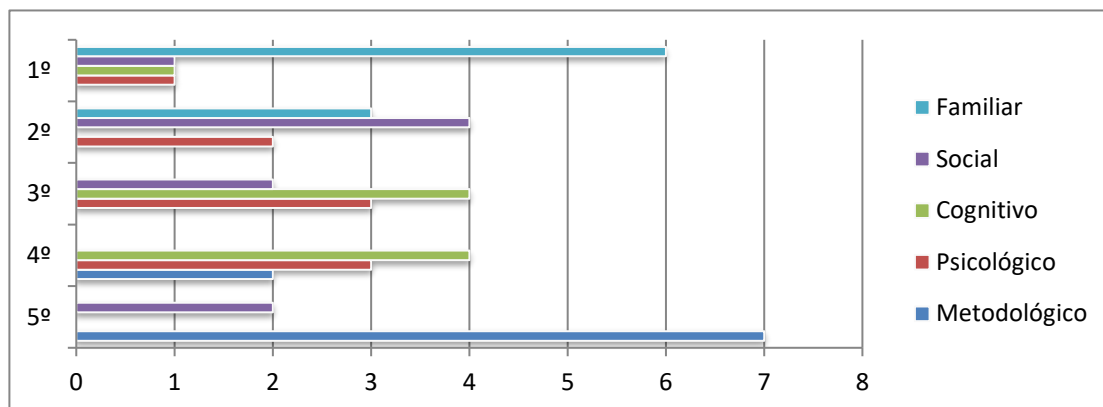
Sobre a definição das dificuldades de aprendizagem por parte das professoras, as mesmas apontam a leitura e escrita, como a principal defasagem na aprendizagem dos alunos, seguida da queixa de falta de atenção e concentração por parte dos alunos. Esses dados corroboram com a pesquisa de Alves (2015), que afirma sobre as dificuldades de aprendizagem advindas de fatores físicos, emocionais, cognitivos, sociais e educacionais, além de reconhecer que fatores como a falta de interesse do aluno, sono, tristeza e agitação são características desses alunos. Portanto, fica claro, que as professoras consideram as faltas de habilidades em leitura e escrita como sendo o principal fator e definição das dificuldades de aprendizagem, assim como nos estudos Cunha et al. (2017), que afirma sobre a dificuldade estar baseada na falta de habilidade do aluno na decodificação, velocidade e o tempo total da leitura.

Em relação aos fatores envolvidos nas dificuldades dos alunos, o Gráfico 1 mostra as respostas das professoras. O primeiro fator é o familiar e o segundo é o fator social. Em terceiro e quarto aparece a questão cognitiva e o fator psicológico. O fator metodológico, aparece como último fator, justificando as dificuldades de aprendizagem. A seguir o gráfico representa a incidência e os fatores relacionados com as dificuldades de aprendizagem, segundo as professoras participantes da pesquisa.

Sobre os fatores apontados em nossa pesquisa, Fernandes (2015) indica que há quatro parâmetros da caracterização dos alunos com dificuldades de aprendizagem, são eles: 1 - adequada oportunidade de aprendizagem; 2 - discrepância entre potencial de aprendizagem, apresentando ou não disfunção do sistema nervoso central; 3 - fatores de exclusão, como: privações associadas aos aspectos socioeconômicos e 4 - sinais de deficiência intelectual, perturbações emocionais severas ou perdas sensoriais. Na pesquisa empírica, a questão familiar

foi muito apontada pelos professores, tal como a literatura também aponta como sendo um critério comum na justificativa dos professores. Se por um lado temos sempre a família sendo apontada pela escola como fator, por outro constata-se que a metodologia, aparece no gráfico como sendo o último a justificar as dificuldades de aprender dos alunos, ou seja, não há, em nosso entendimento, uma reflexão sobre as práticas pedagógicas.

Gráfico 1. Fatores envolvidos nas dificuldades de aprendizagem.



Fonte: Elaboração própria.

Acredita-se que o fator da metodologia, não foi muito considerado para esse grupo, pois o mesmo utilizam diferentes procedimentos e propostas de intervenções com os alunos com dificuldades de aprendizagem, tal como fazer encaminhamento para as aulas de reforço, proposta da Secretaria Municipal da Educação de Rio Claro e para a Sala de Recursos, para a professora do Atendimento Educacional Especializado da Unidade Escolar fazer uma avaliação e encaminhar para outros serviços públicos da Saúde.

Considerando também as descrições de algumas ações em sala de aula, para auxiliar os alunos com dificuldade, temos uma professora que utiliza de observação para atender a necessidade dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, o que é defendido por Borine (2015). O autor afirma que o professor deve avaliar as habilidades de cada aluno, conhecer a maneira como ele aprende e valorizar o esforço, reconhecendo que para que aquele educando aprenda ele precisa de estímulos e estratégias diferenciadas. Ainda sobre estratégias, uma outra professora afirma utilizar letras móveis e silabário, recursos importantes para a

construção da escrita com construções e desconstruções reflexivas. Uma terceira professora, e apenas ela, referiu-se a autocorreção feita pelos alunos, pois considera esse que recurso faz com que os alunos vejam onde erraram e consigam visualizar suas dificuldades e aprimorar a aprendizagem.

Nenhuma das professoras descrevem sobre a falta das habilidades adquiridas na pré-escola, o que para Cunha et al (2017), é elemento importante para prevenir dificuldades em leitura e escrita, bem como para evitar possíveis dificuldades na fluência, nas habilidades que interferem no processo final da compreensão global da mensagem escrita, considerando ainda que as dificuldades de fluência da leitura interfeririam na compreensão leitora. Na mesma linha de pensamento, Almeida et al. (2016), considera a prevenção um fator para o combate as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, reconhecendo que quanto mais precocemente a identificação das dificuldades forem detectadas, mais chances essas crianças terão de sucesso na aprendizagem, devido a sua maior neuroplasticidade nos primeiros anos da infância, maior adaptação funcional ou estrutural que permite a aquisição do conhecimento.

5 Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento do estudo foi possível observar o contexto das dificuldades de aprendizagem dos alunos na escola pesquisada. O número de alunos em salas de 3º e 5º anos com dificuldades na aprendizagem foi significativo para uma escola de Ensino Fundamental I. O que gerou preocupação considerando os resultados das avaliações em larga escala como o Avaliação Nacional da Alfabetização (2014) em que 34% dos estudantes apresentaram resultados inadequados em relação a leitura e escrita.

Observou-se que as descrições sobre as características das dificuldades de aprendizagem dos alunos, apontados pelas professoras centram-se na falta de atenção e concentração, sendo as dificuldades maiores em leitura e escrita. A definição das dificuldades de aprendizagem, por parte das professoras, reside na dificuldade voltada para o aluno e a consideram fator intrínseco, já que esses, segundo elas, não mostram interesse em aprender, mesmo quando são utilizados diferentes recursos e estratégias.



As professoras justificam os fatores do não aprender por parte dos alunos como sendo o familiar em primeiro lugar, apontando os pais como influenciadores na aprendizagem por meio das atitudes e valores que passam aos filhos. Em segundo lugar o fator social é considerando dentro da unidade escolar, tal como as condições habitacionais, nutrição, mães que não tem acompanhamento na gestação, privações lúdicas e culturais (brinquedos que estimulem, a leitura, programas de TV voltados para a aprendizagem). O fator cognitivo aparece em terceiro, sendo apontado a falta de estimulação precoce, a ausência de estímulo da linguagem desde cedo. Em quarto lugar aparece o fator psicológico que implica na falta de motivação em aprender, capacidade de memorização e retenção das informações e por último, o fator metodológico em que as professoras preocupam-se em relatar que a aprendizagem está relacionada com a maneira como o novo se apresenta, a forma de ensinar, pois reconhecem que as crianças aprendem de forma diferente.

Em relação aos recursos e procedimentos adotados para o atendimento desses alunos, todas as docentes afirmaram utilizar recursos diferenciados para os que apresentam dificuldades, mencionando as atividades diferenciadas, os trabalhos em duplas, o uso de materiais concretos e atenção individualizada por parte da professora com o aluno. Também mencionam o uso de jogos, folhas de atividades adaptadas, uso de letra bastão, material concreto, palito de sorvete, material dourado, cédulas de dinheirinho, dramatização para a situação ensinada, formas diferentes para que os alunos assimilem o conteúdo. Há a preocupação por parte delas, em ensinar sob outros olhares e trazer para situações cotidianas e vivenciadas pelos alunos de acordo com a realidade dos mesmos.

Para os encaminhamentos desses alunos, todas as professoras utilizam o mesmo procedimento, tal como: fazem o encaminhamento para as aulas de reforço e para que a professora do Atendimento Educacional Especializado possa avaliar e encaminhar para outros serviços públicos de saúde do município. Além de a coordenadora pedagógica acompanhar mensalmente o avanço dos alunos. Portanto, as professoras reforçam a questão familiar de não apoiar o acompanhamento desses alunos que apresentam dificuldades, quando são encaminhados para os serviços mencionados anteriormente.



As implicações e contribuições da pesquisa mostram que de fato, a dificuldade de aprendizagem está presente no contexto escolar, e que as professoras preocupam-se com o desempenho de seus alunos e apontam recursos de acesso a elas oferecidos pela escola para o melhor desempenho dos mesmos, insistindo no despertar para a aprendizagem. Portanto há como repensar em estratégias para a aproximação dos pais na escola, assim como pensar em transformações de práticas educativas e sociais, para desenvolver a aprendizagem desses alunos.

Referências

American Psychiatric Association (APA). **DSM-IV-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** (ed. rev.). Porto Alegre: Artes Médicas.2002.

ALMEIDA, Roselaine; Pontes de et al. Prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem: adaptação do modelo de resposta à intervenção em uma amostra brasileira. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 611-630, Set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216632>

ALVES, Rauni Jandé Roama; NAKANO, Tatiana de Cássia. Criatividade em indivíduos com transtornos e dificuldades de aprendizagem: revisão de pesquisas. **Psicol. Esc. Educ.** [online]. 2015, vol.19, n.1, pp.87-96. ISSN 2175-3539. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191802>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORINE, Rita de Cássia Calderani. Considerações gerais sobre dificuldade de aprendizagem. **Revista Eletrônica FACIMEDIT**, v. 2, n. 2, jul./dez., 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/44745398-Consideracoes-gerais-sobre-dificuldade-de-aprendizagem-general-considerations-on-learning-difficulty.html> Acesso em: 11 de mar. de 2018.

CARONI. Regina Aparecida Loureiro. **A trajetória escolar no processo de aquisição da escrita e da leitura**. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-graduação em Educação, Universidade Nove de Julho- UNINOVE- São Paulo, 2015. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1165> Acesso em 30 de março de 2018.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A Patologização da Educação)**. Série Ideias, São Paulo, v. 23, p. 25-31, 1994.



CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; MARTINS, Maíra Anelli; CAPELLINI, Simone Aparecida. Relação entre Fluência e Compreensão Leitora em Escolares com Dificuldades de Aprendizagem. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33, e33314, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33314>

DORNELES, Beatriz Vargas et al. Impacto do DSM-5 no diagnóstico de transtornos de aprendizagem em crianças e adolescentes com TDAH: um estudo de prevalência. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 759-767, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.2014274167>

FERNANDES, Cleonice Terezinha et al. Possibilidades de aprendizagem: reflexões sobre neurociência do aprendizado, motricidade e dificuldades de aprendizagem em cálculo em escolares entre sete e 12 anos. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 21, n. 2, p.395-416, Jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320150020009>.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.388p.

KIRK, Samuel Alexander; KIRK, Winifred D. Na definição de dificuldades de aprendizagem. *Journal of Learning Disabilities*. **American Psychological Association APA PsycNet**, v.16, n.1, 1983.

DOI: <https://doi.org/10.1177/002221948301600106>

LOPES, Raquel Caroline Ferreira; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 1214-1226, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462012005000091>

MONTEIRO, Sara Mourão; SOARES, Magda. Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 449-466, 2014. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022014005000006>

NETO Frederico, Francisco et al. Dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental e médio: a percepção de professores de sete escolas públicas de São Paulo - SP. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 32, n. 97, p. 26-37, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862015000100004&lng=pt&nrm=iso Acesso em 07 ago. 2020.

Organização Mundial da Saúde. OMS. **Cuidados de Saúde Primários**. 2008.

OSTI, Andréia. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais**: reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

OSTI, Andréia; Zacharias, Aline Gasparini. A escrita de um grupo de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. In: Martinelli, Selma; Fernandes, Débora Cecília. **Aprendizagem Escolar na Contemporaneidade**. Curitiba: Juruá Editora, 2017.



SARGIANI, Renan de Almeida; MALUF, Maria Regina. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 477-484, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018033777>

SENA, Tito. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, estatísticas e ciências humanas: inflexões sobre normalizações e normatizações. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 96-117, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p96>

SILVA, Helena Santos; LOPES, José Pinto. O professor faz a diferença no desempenho escolar dos seus alunos - o que nos diz a investigação educativa. **Revista Eletrónica de Educação e Psicologia**, Portugal. n. 2, p. 62-81, 2015. Disponível em: http://edupsi.utad.pt/images/PDF/revistaN2/O_professor_faz_a_diferenca_no_desempenho_escolar_dos_seus_alunos.pdf Acesso em: 25 de setembro de 2018.

i **Camila Camargo Diniz Fonte**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2755-0929>
Mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Educação Especial da Rede Pública Municipal de Rio Claro/SP e psicopedagoga clínica.

Contribuição de autoria: Realizou dissertação do mestrado, a qual deu base no artigo, Apoiou desde o planejamento da pesquisa e na coleta de dados a campo, bem como nas análises dos dados, assim como na redação do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8260092361872859>

E-mail: cacdiniz@gmail.com

ii **Andréia Osti**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7605-2347>

Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações, Aprendizagem.

Contribuição de autoria: orientadora do trabalho, apoiou no planejamento do estudo, orientou a coleta de dados, bem como apoiou na análise dos dados e redação do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5060520291120371>

E-mail: andrea.osti@unesp.br

Como citar este artigo (ABNT):

FONTE, C. C. D.; OSTI, A. Perfil de alunos do ensino fundamental I com dificuldades de aprendizagem na rede pública municipal. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 1, n. 1, p. e020007, 2 mar. 2020.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/3746>

